

A LÍQUIDA LATERAL NA PRODUÇÃO DE BILÍNGUES POLONÊS/PORTUGUÊS

Giovana Ferreira-Gonçalves

Aline Rosinski Vieira

Resumo: O presente estudo, realizado no âmbito da sociofonética, busca descrever a realização da consoante líquida lateral /l/ em posição de coda silábica em uma comunidade bilíngue português/polonês. São analisados dados de produção oral de 12 sujeitos, habitantes de Arroio Grande/RS, distribuídos em grupos de bilíngues e monolíngues e divididos em três faixas etárias. Os dados são submetidos a três etapas de análise: análise de oitiva, análise estatística e análise acústica. Na análise de oitiva, são verificados dados com características diferentes das encontradas em produções padrão do português brasileiro apenas na fala dos sujeitos pertencentes a faixas etárias mais avançadas e ao grupo dos bilíngues. Os sujeitos bilíngues da faixa etária mais jovem apresentam produções caracterizadas conforme a produção padrão do português brasileiro: produções vocalizadas. Dessa forma, os resultados vão ao encontro do que propõe a literatura – que a forma vocalizada não prevalece na fala de sujeitos que utilizam uma língua de imigração.

Palavras-chave: Líquida lateral. Bilinguismo. Polonês.

Abstract: This study, carried out within sociophonetics analyses, seeks to describe the performance of the lateral liquid consonant /l/ in the position of a syllabic coda in a group of people from a community where the speech is influenced by the language used by its inhabitants. In order to investigate this, it is analyzed the oral production of 12 people, inhabitants of Arroio Grande/RS. They are divided into groups of bilinguals and monologues and also in three age groups. The data are submitted to three stages of analysis: hearing, statistical and acoustic analysis. The findings are similar in the three stages. In the hearing analysis are found characteristics that differentiate from the standard Brazilian Portuguese, and these characteristics are produced only by the people who belong to the older bilingual group. However, the younger people from the bilingual group present voiced sounds, very similar to standard Brazilian Portuguese. This finding is in agreement with the linguistic theories that claim that the voiced sound do not prevail over the speech of second language speakers.

Keywords: Lateral. Bilingualism. Polish.

Introdução

O português falado no sul do Brasil é marcado pela influência de línguas europeias trazidas pelos imigrantes no final do século XIX e início do século XX. No estado do Rio

· Centro de Letras e Comunicação, UFPEL, Pelotas, RS, Brasil, gfgb@terra.com.br

· Centro de Letras e Comunicação, UFPEL, Pelotas, RS, Brasil, rosinskivieira@gmail.com

Grande do Sul, instalaram-se vários grupos de imigrantes poloneses, ainda que, conforme apontam Weber e Wenczenovicz (2012), muitas vezes, tenham sido sobrepostos pelos grupos italianos – que se sobressaíam quantitativamente.

A descrição do polonês como língua de imigração é escassa em relação à descrição do pomerano e do italiano, línguas de imigração que têm predominância entre as comunidades bilíngues dos estados do Sul do país. No entanto, é possível identificar comunidades nas quais o português falado sofre influência do polonês como língua de imigração.

Salienta-se que a preservação das línguas de imigração vem diminuindo na fala dos sujeitos mais jovens. Schneider (2007) aponta esse fenômeno como motivado pela estigmatização sofrida pelas línguas de imigração, principalmente em contextos externos à comunidade bilíngue. Essas línguas, de acordo com Raso, Mello e Altenhofen (2011), ao serem inseridas em solo brasileiro, adaptaram-se ao nosso contexto sócio-cultural, distinguindo-se da sua forma original. Esse grupo linguístico, conforme também apontam os autores, é caracterizado por línguas que se mantiveram fechadas em pequenas comunidades formadas pelos descendentes de imigrantes, e isso fez com que o seu modo de adaptação não pudesse ser comparado ao de outros grupos linguísticos.

Tendo em vista que as línguas de imigração são capazes de alterar o português falado pelas comunidades bilíngues, analisa-se, neste artigo, a fala de sujeitos bilíngues e monolíngues, buscando descrever a produção do segmento líquido lateral /l/ na fala dos moradores de uma comunidade linguística que sofre influência da língua de imigração utilizada.

A comunidade em questão, o distrito de Arroio Grande, está localizada no interior do município de Dom Feliciano – RS e é caracterizada por abrigar descendentes de imigrantes poloneses tendo, dessa forma, o polonês como língua de imigração predominante.

A escolha da comunidade linguística deu-se em função do que postulam Altenhofen e Margotti (2011). Segundo os autores, comunidades localizadas em regiões rurais, ao sofrerem influência de línguas de imigração, tendem a conservar as características geradas pelo contato entre o português e a língua de imigração utilizada pelos falantes.

Por meio de uma análise sociofonética, são descritas e caracterizadas as produções da consoante lateral /l/, em posição de coda silábica, em diferentes contextos de palavra. Para tal análise, são observados os traços acústicos das produções de /l/ consideradas padrão no português brasileiro, descrevendo, assim, variações na produção do segmento. Tendo em vista que, segundo Altenhofen e Margotti (2011), o segmento /l/ em posição de coda silábica se mantém conservado (não sofrendo o processo de vocalização) em regiões rurais e bilíngues, a

hipótese é de que esse segmento apresente uma configuração acústica diferente da apresentada pela forma vocalizada, padrão recorrente no português brasileiro e na região Sul do país.

A produção variável da fala se dá, segundo Foulkes e Scobbie (2010), de maneira sistemática e com ampla interferência de fatores sociais, os quais influenciam a organização fonético-fonológica da língua, pois, por meio desta, o falante pode construir sua identidade. É por isso que a variação e a permanência dos traços provenientes da língua de imigração, por exemplo, podem ou não ser conservados na fala de um sujeito, à medida que necessitam se encaixar em contexto social no qual a língua lhes insere.

Caracterização do segmento lateral

O segmento /l/ ocorre no português brasileiro (PB) em posição pré e pós-vocálica. Nesta, /l/ assume a forma vocalizada [w] ou velarizada [ɫ], conforme Cristófar-Silva (2001).

Essa caracterização, comumente descrita em trabalhos dedicados à descrição da líquida lateral, é questionada por Brod (2014) em seu estudo, no qual analisa as produções das líquidas do PB e do Português Europeu. Neste trabalho, a autora demonstra os diferentes níveis de velarização da lateral em final de sílaba, que podem ser mais velarizados (*dark*[ɫ]) ou menos velarizados (*light* [l]), sendo esta produzida semelhantemente a uma produção alveolar.

Narayanan (1997) aponta que, nas produções em coda silábica, pode haver a origem de um *continuum* para a produção do segmento /l/ em posição final, o que faz com que não se apresentem, necessariamente, dois elementos com distinções pontuais, mas sim, segmentos aos quais são atribuídas características, em maior ou menor nível, que são capazes de encaixá-los em uma ou outra categoria.

O sistema consonantal do polonês não pode ser comparado com sistema do português brasileiro ao tratar-se dos segmentos líquidos laterais. Ao contrário do português, que, além do /l/ em diferentes posições conta com o segmento lateral palatal [ʎ], o polonês apresenta somente um segmento no grupo das líquidas laterais, o [l]. A sua forma padrão na língua pode ser caracterizada por uma produção alveolar (ZREDER, 2013). O segmento lateral, no polonês, ocorre em todas as posições silábicas, bem como no português, tendo a mesma configuração – alveolar – em cada posição que pode ocupar.

Quanto à caracterização acústica do segmento líquido lateral, Brod (2014) aponta, a partir do que adota em seu estudo, que podem ser obtidas respostas acústicas quanto à

produção das laterais a partir da observação de F1 e F2. Segundo a autora, “enquanto o primeiro formante está relacionado à extensão do contato dorso-palatal e ao movimento de abertura da mandíbula, o segundo corresponde ao movimento horizontal do corpo de língua.” (BROD, 2014, p. 35).

Em relação à extensão do contato, esta pode ser observada ao se analisar a produção da lateral alveolar tanto em posição de onset simples e complexo como em final de sílaba. Estando relacionada a F1, esta característica, que marca a articulação dos segmentos líquidos laterais, diferenciando-os, pode ser afetada em conformidade com a região em que o articulador exerce a função de obstrução. Se o contato entre articuladores ativo e passivo for línguo-velar, F1 terá valores mais altos. Ao contrário, se este contato for línguo-alveolar, F1 apresentará valores baixos em relação aos de F2.

Dessa forma, a produção do segmento /l/ será distinta gradualmente de acordo com o tamanho da extensão do contato do articulador. Os segmentos mais velarizados serão classificados como lateral *dark* [ɫ] e os menos velarizados como lateral *light* [l], conforme explica Brod (2014). Para a lateral *light*, apresentar-se-ão maiores os valores de F2 em relação à lateral *dark*. Narayanan *et. al.* (1997) apontam, reafirmando, que F2 está relacionado à cavidade anterior, relacionando-se, assim, com a variante *light* (menos velarizada), ao tempo que F1 está relacionado às ressonâncias da cavidade posterior e por isso faz referência à *dark*(mais velarizada).

Para Brod (2014), a redução de frequência do segundo formante serve como fator determinante para apontar uma produção de lateral mais velarizada. Para estabelecer uma distinção entre as duas produções – mais velarizada e menos velarizada –, observando o seu grau de velarização, calcula-se a diferença entre os valores de F1 e F2. Quanto menor for essa diferença, mais velarizada será a produção (RECASENS, 1995).

Metodologia

Para o desenvolvimento deste trabalho, foram coletados dados de 12 sujeitos do sexo feminino, pertencentes à comunidade de Arroio Grande, RS. Os sujeitos foram divididos em três faixas etárias, que abrangem falantes de até 25 anos, de 26 a 50 anos e acima de 51 anos. Cada faixa etária foi dividida em dois grupos: o grupo de sujeitos bilíngues, falantes de português e polonês, e o grupo de sujeitos monolíngues, falantes apenas do português

brasileiro. Assim, cada faixa etária contou com dois sujeitos bilíngues e dois monolíngues, como pode ser visto no Quadro 1.

Quadro 1: Distribuição dos informantes

Sujeitos	Faixa etária 1 (até 25 anos)	Faixa etária 2 (entre 26 e 50 anos)	Faixa etária 3 (acima de 50 anos)
Monolíngues	M1F1	M1F2	M1F3
	M2F1	M2F2	M2F3
Bilíngues	B1F1	B1F2	B1F3
	B2F1	B2F2	B1F3

Fonte: Elaboração das autoras

Os dados de fala foram coletados com a apresentação de um instrumento de nomeação de imagens, elaborado de forma a atender à seguinte distribuição contextual de ocorrência de /l/ em final de sílaba: contexto vocálico antecedente (vogais baixa, médias baixas, médias altas e altas), posição na palavra (coda medial e coda final) e tonicidade (sílabas tônicas e sílabas átonas).

Junto ao instrumento, foram apresentadas, aos sujeitos, frases veículos para que, observando as imagens, fosse realizada a inserção dos nomes identificados nas figuras. O instrumento foi apresentado duas vezes a cada sujeito, de modo que cada um deles produzisse duas vezes a mesma palavra. Produzindo todas as palavras do instrumento, cada sujeito realizaria 54 vocábulos, que, produzidos duas vezes cada um, permitiriam a produção de 108 palavras por informante. Desta forma, 54 (vocábulos) x 2 (repetições) x 12 (informantes), totalizaria 1296 produções.

A gravação dos dados foi realizada por meio de gravador digital modelo *Zoom H4N*. Os dados foram coletados nas residências dos informantes, localizadas na comunidade de Arroio Grande, em local reservado e livre de ruídos externos que pudessem prejudicar a qualidade acústica dos dados orais.

A análise dos dados foi realizada em três etapas. A primeira delas consistiu na contabilização dos dados de produção de cada variante na fala de cada um dos sujeitos. Para que fossem contabilizadas, cada produção foi caracterizada, por meio de oitiva, como sendo uma produção equivalente à variante padrão do PB ou sendo produzida com características diferentes às que configuram uma produção vocalizada [w].

A partir dos números de produção, foram calculados os percentuais de ocorrência de cada forma variável, apontando as diferenças de percentuais entre os grupos de monolíngues e de bilíngues em cada uma das faixas etárias.

A etapa seguinte de análise teve por base a análise estatística. Por meio do *software SPSS Statistics 17.0*, foram comparados os percentuais de produção dos sujeitos bilíngues e monolíngues das três faixas etárias, a fim de verificar se essa variável era significativa para que uma das variantes ocorresse com mais frequência na fala de um determinado grupo de sujeitos. Tendo em vista a amostra heterogênea dos dados, para verificar o papel do bilinguismo nas produções dos sujeitos, foi utilizado o teste de *Mann-Whitney*, de forma a estabelecer um teste de diferença entre o grupo dos monolíngues e o dos bilíngues.

A terceira e última etapa de análise consistiu na análise acústica dos dados. Para essa etapa, foram selecionados dados de quatro sujeitos, pertencentes às faixas etárias 2 e 3. O critério de escolha das produções a serem submetidas à análise acústica teve por base a variabilidade entre as características de produção do segmento nas duas realizações da mesma palavra. Assim, foram escolhidos dois sujeitos, de cada faixa etária, que apresentaram essa variabilidade entre as duas produções de /l/ na palavra *futebol*, por exemplo, e dois sujeitos cujas duas produções de /l/ não apresentaram características diferentes entre as duas produções da mesma palavra.

Como critérios para a realização da análise acústica, foram considerados os valores de F1 e F2 e a diferença F2-F1, seguindo o método utilizado por Recasens (1995) e Brod (2014).

Produções que apresentam um menor distanciamento entre F1 e F2 são caracterizadas como produções mais velarizadas. Essas produções aproximam-se bastante da produção padrão para /l/ em coda no PB, a vocalizada, pelas semelhanças entre sua configuração acústica, o que dificulta até mesmo a sua distinção, conforme Thomas (2011). Só é possível distingui-las por meio da observação da amplitude dos formantes, que será sempre maior para a consoante líquida vocalizada em relação à velarizada.

Ao contrário das produções mais velarizadas, quando a diferença entre os valores de F2 e F1 é baixo, o segmento pode ser caracterizado como menos velarizado, ou seja, em sua produção, a língua tende a avançar, realizando um menor contato com o véu palatino e indo em direção à parte anterior da boca.

A distância entre F1 e F2, conforme apontado pela literatura, pode ser gradual. Dessa forma, entende-se que o nível de velarização dos segmentos também é gradual, podendo ser classificados como menos velarizados (alveolares) ou mais velarizados, caracterização que se aproxima de uma produção vocalizada. Considerando esses aspectos, foi observada cada uma das produções de /l/ em posição de coda dos quatro sujeitos selecionados.

Resultados

Os dados de produção do segmento investigado foram submetidos a três etapas de análise. A primeira etapa, realizada por meio de análise de oitiva, descreve resultados referentes aos dados de produção de /l/ dos 12 sujeitos participantes da pesquisa. Como formas variantes para a produção do segmento lateral, são identificadas produções com diferentes níveis de velarização, as quais são produzidas como menos velarizadas, apresentando uma configuração semelhante à do segmento alveolar, e mais velarizadas, que estabelecem proximidade com uma produção vocalizada.

Os dados de produção de /l/, após serem caracterizados com base em oitiva, são contabilizados, sendo distribuídos os números de produção de cada variante, na fala de cada um dos sujeitos, conforme disposto no Quadro 2.

Quadro 2: Percentuais de ocorrências das variantes de /l/ em coda

Sujeitos	/l/ coda		Total de produções percentual PVP
	VP [w]	VNP [ʎ]	
Sujeito M1F1	92	0	100%
Sujeito M2F1	101	0	100%
Sujeito B1F1	108	0	100%
Sujeito B2F1	97	0	100%
Sujeito M1F2	104	0	100%
Sujeito M2F2	71	27	72,4%
Sujeito B1F2	2	91	2,1%
Sujeito B2F2	6	88	6,3%
Sujeito M1F3	96	0	100%
Sujeito M2F3	102	0	100%
Sujeito B1F3	13	77	14,4%
Sujeito B2F3	0	95	0%

VP: variantes padrão VNP: variantes não-padrão PVP: percentual de variantes padrão
Fonte: Elaboração das autoras

No Quadro 2, pode ser observado, para cada um dos sujeitos, o número de segmentos produzidos como maior e menor velarização. Por fim, na última coluna, pode ser visto o percentual de produções de /l/ em coda realizadas como a forma padrão do PB, o vocalizado [w]. Observando esses percentuais, pode ser identificado o número de produções realizadas como padrão tanto para falantes bilíngues como para monolíngues, possibilitando uma comparação entre as produções para os dois grupos. Com base nos percentuais, constata-se

que as produções de /l/ em coda menos velarizadas (alveolares) são predominantes na fala dos sujeitos bilíngues, não havendo quase nenhuma ocorrência da forma não padrão na fala de monolíngues.

O Gráfico 1 evidencia, de forma mais clara, as diferenças encontradas entre os dois grupos:

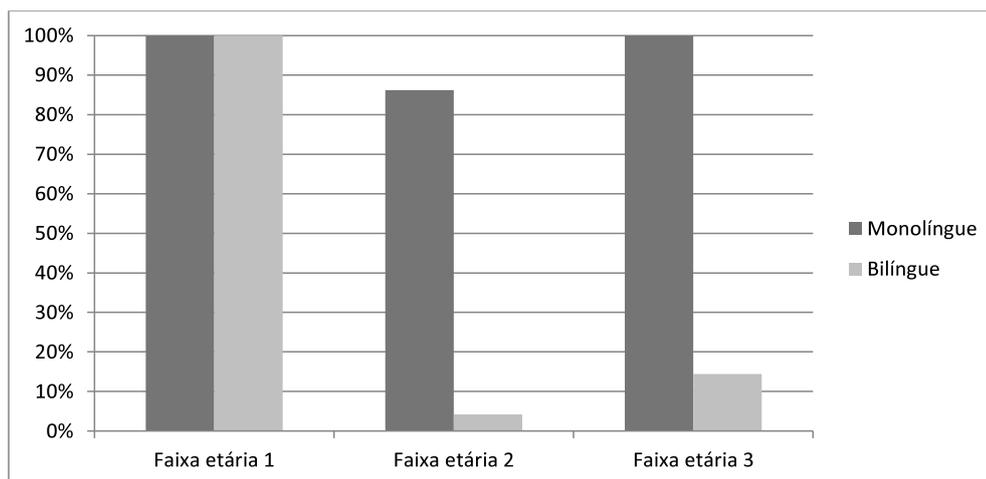


Gráfico 1: Percentuais de produção da variante padrão para o segmento /l/ em posição de coda silábica

Fonte: Elaboração das autoras

Assim, as produções do grupo de monolíngues das três faixas etárias apresentam, em sua quase totalidade, produções mais velarizadas (vocalizadas). A ocorrência de produções mais velarizadas é categórica também no grupo de bilíngues da faixa etária 1, que tiveram 100% de suas produções realizadas como [w]. Os resultados para os sujeitos bilíngues da faixa etária 1 acompanham o que foi proposto por Schneider (2007), que aponta não haver influência de línguas de imigração na fala das faixas etárias mais jovens em razão da menor utilização dessas línguas por este grupo de falantes.

A etapa seguinte de análise foi realizada com base na estatística. Por meio dos resultados estatísticos, busca-se identificar a existência de diferenças significativas entre as produções de sujeitos bilíngues e monolíngues, comparando os percentuais de produção entre os grupos, considerando contexto geral e contextos específicos de vogal, tonicidade e posição na palavra.

Os resultados da análise estatística apontam a existência de diferenças significativas na produção de /l/ em coda entre bilíngues e monolíngues, considerando os contextos vocálicos.

Assim, níveis significativamente diferentes de velarização em contexto de [a], [e], [ɛ], [i], [ɔ] e [o] são identificados pelo teste de *Mann-Whitney*, como pode ser observado no Quadro 3.

Quadro 3: Valores do teste estatístico para a produção de /l/ em coda, comparando-se monolíngues e bilíngues – contexto vocálico

Contexto vocálico		
[a] - /l/ em coda	Z = -1,968	p = 0,04
[e] - /l/ em coda	Z = -2,345	p = 0,01
[ɛ] - /l/ em coda	Z = -1,981	p = 0,04
[i] - /l/ em coda	Z = -1,968	p = 0,04
[ɔ] - /l/ em coda	Z = -2,309	p = 0,02
[o] - /l/ em coda	Z = 1,973	p = 0,04

Fonte: Elaboração das autoras

O teste estatístico confirma, assim, que, pela análise de oitiva, os grupos de bilíngues e monolíngues têm a produção do segmento /l/ em coda com diferentes caracterizações: menos velarizadas para bilíngues e mais velarizadas para monolíngues.

A última etapa de análise teve por base a caracterização acústica dos dados de produção de quatro sujeitos. Para a análise, foram selecionadas produções de 10 palavras, das quais três apresentam produção variável no que se refere aos níveis de velarização do segmento /l/. As outras sete palavras selecionadas para a análise acústica foram escolhidas para fins de comparação, não tendo apresentado, de oitiva, níveis variáveis de velarização entre as duas produções. Essas palavras foram escolhidas sob critério de preenchimento de contexto vocálico, em sílaba tônica.

A produção das dez palavras foi analisada na fala dos sujeitos B1F2 e B1F3, em cuja fala são detectadas as produções variáveis, e B2F3 e M1F3, que não apresentam, em suas produções, realizações variáveis de /l/. As produções dos sujeitos B2F3 e M1F3 são, então, comparadas às produções dos dois outros sujeitos. Essa comparação se justifica pela necessidade de estabelecer um paralelo entre as produções de sujeitos que não apresentam produção variável, mas que se distinguem um do outro no nível de velarização de suas produções, com as produções caracterizadas como variáveis.

Assim, das duas produções de cada palavra selecionada, são observados os valores de F1 e F2, acompanhando o que aponta Brod (2014), quando se refere ao nível de velarização

dos segmentos. Conforme a autora, quanto mais velarizada a produção, mais altos serão os valores de F1, assim como para as produções menos velarizadas (mais alveolares) serão maiores os valores de F2. Dessa forma, foram realizadas medidas de F2 e F1 das produções e foi calculada a diferença entre F2 e F1.

No Quadro 4, podem ser observados os valores dos formantes para B1F2 e B1F3, cujos dados de produção variável estão sinalizados em destaque.

Quadro 4: Valores de F1 e F2 das produções dos sujeitos B1F2 e B1F3

Palavras	B1F2			B1F3		
	F1 (Hz)	F2 (Hz)	Diferença F2-F1	F1 (Hz)	F2 (Hz)	Diferença F2-F1
alcool 1	536	2368	1805	608	1070	462
alcool2	402	1043	641	713	1158	445
animal 1	576	2019	1443	488	991	503
animal 2	482	885	403	566	1138	572
automóvel 1	468	1529	1061	429	1050	621
automóvel 2	460	1634	1174	483	1008	525
azul 1	329	1925	1596	300	602	302
azul 2	362	1502	1140	361	732	371
barril 1	374	2018	1644	395	1076	681
barril 2	309	1897	1588	408	1093	685
futebol 1	473	889	416	446	928	482
futebol 2	419	989	570	491	953	462
gol 1	366	1707	1341	346	717	371
gol 2	375	1802	1427	381	592	211
papel 1	456	1286	830	398	1015	617
papel 2	402	1062	660	532	1024	492
sepultura 1	348	1339	991	296	409	113
sepultura 2	384	1217	833	232	1368	1136
talco 1	476	1217	741	593	863	270
talco 2	429	864	435	555	1203	648



Produções menos velarizadas



Produções mais velarizadas



Produções variáveis

Fonte: Elaboração das autoras

Como pode ser constatado, os dados de produção do sujeito B1F3 possuem um nível menor de velarização em comparação com os dados do sujeito B1F2. A diferença entre os valores de F1 e F2 é nitidamente diferente nas produções dos dois sujeitos. Como exemplo, tomemos a palavra *gol* na primeira produção. Para B1F3, essa diferença possui um valor de

371 Hz enquanto para B1F2 o valor é de 1341 Hz. Essa diferença entre sujeitos, na qual um produz um /l/ mais velarizado e o outro menos velarizado, pode ser comparada, em questão de valores, à produção de dados variáveis, para os quais, na realização da produção e da repetição do vocábulo, o nível de velarização é bastante distinto.

No Quadro 5, são apresentados dados de produção de /l/ em coda na fala de sujeitos que, pela análise de oitiva, não apresentaram produções variáveis.

Quadro 5: Valores de F1 e F2 das produções dos sujeitos B2F3 e M1F3

Palavras	B2F3			M1F3		
	F1 (Hz)	F2 (Hz)	Diferença F2-F1	F1 (Hz)	F2 (Hz)	Diferença F2-F1
alcool 1	435	1186	751	495	996	501
alcool2	442	1159	717	393	908	515
animal 1	343	1369	1026	498	1094	596
animal 2	459	1310	851	540	1082	542
automóvel 1	326	1480	1154	404	1460	1056
automóvel 2	300	1510	1210			
azul 1	333	1495	1162	464	859	395
azul 2	321	1249	928	498	1513	1015
barril 1	221	1694	1473	482	1210	728
barril 2	281	1696	1415	536	1745	1209
futebol 1	412	1268	856	638	1022	384
futebol 2	444	1231	787	471	1048	577
gol 1	336	1399	1063	506	879	373
gol 2	427	1246	819	374	772	398
papel 1	373	1514	1141	795	1441	646
papel 2	475	1593	1118	532	1243	711
sepultura 1	320	1365	1045	292	614	322
sepultura 2	308	1468	1160	473	2180	1707
talco 1	339	1643	1304	306	889	583
talco 2	393	1321	928	590	1192	602

■ Produções menos velarizadas ■ Produções mais velarizadas ■ Produções variáveis

Fonte: Elaboração das autoras

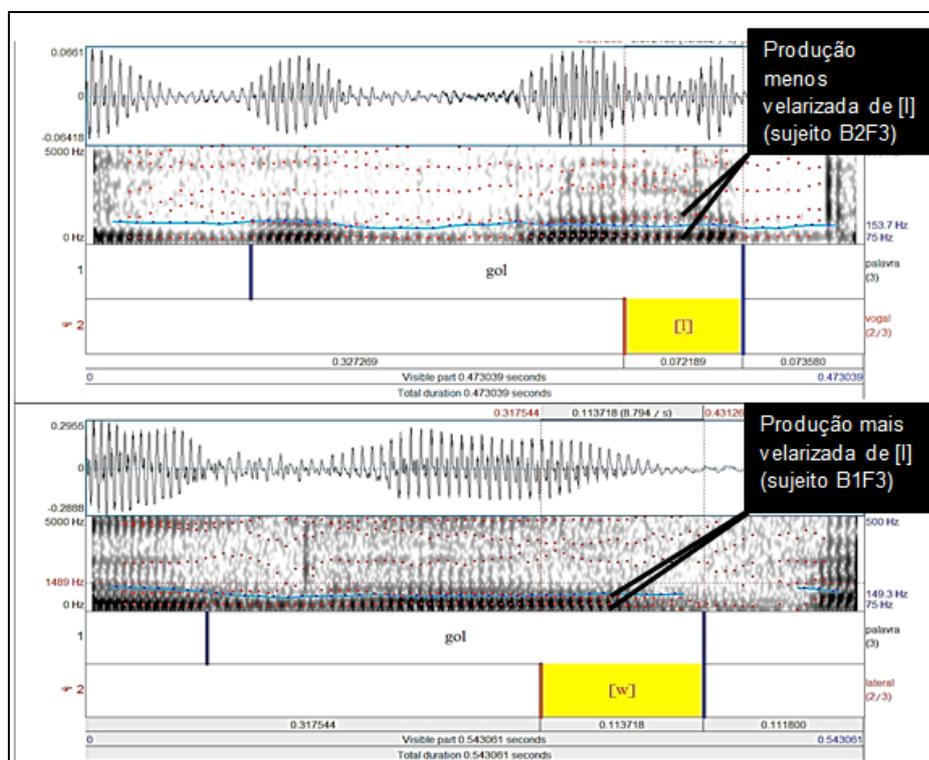
Embora a análise de oitiva não tenha apontado, o sujeito M1F3 apresenta produções de dados variáveis, nas quais se constata um nível de velarização diferente do nível da repetição da mesma palavra. Novamente, os dados de uma das produções da palavra, a que possui maior diferença F2-F1, têm valores semelhantes às produções do sujeito bilíngue,

caracterizadas como menos velarizadas. No exemplo da palavra *azul*, variável na fala do sujeito bilíngue M1F3, uma das produções pode ser comparada às produções de B2F3, que apresenta todas suas realizações de /l/ como [l] menos velarizado, já que possuem um alto valor na diferença F2-F1. A outra produção da palavra *azul* de M1F3 apresenta, na diferença F2-F1, 395 Hz, valor que pode ser equiparado ao das demais produções desse sujeito que não se caracterizaram como variáveis – como a da palavra *futebol*, com um valor de 384 Hz na primeira produção e 577 Hz na segunda produção.

Assim, por meio dessas comparações, confirmam-se os dados de produção variável identificados em anterior etapa de análise, bem como o nível de velarização identificado nas produções de cada sujeito. As comparações dos valores fornecidos pela acústica servem para confirmar também que os sujeitos bilíngues apresentarão, em sua maioria, dados menos velarizados, ou seja, com características diferentes da forma considerada padrão para /l/ em final de sílaba no PB. Tendo em vista que a análise acústica foi aplicada a dados de um sujeito monolíngue e três bilíngues e, destes três, apenas um apresentou níveis maiores de velarização, pode-se confirmar a hipótese da maior conservação de /l/ – não-vocalização – em final de sílaba nas produções de falantes que utilizam o polonês como língua de imigração.

Na figura 1, a diferença entre uma produção mais velarizada e menos velarizada é mais bem ilustrada, exibindo o comportamento dos formantes em relação ao nível de velarização que apresenta o segmento.

Figura 1: Comparação da produção da palavra gol na fala dos sujeitos B2F3 e B1F3



Fonte: Elaboração das autoras

Identifica-se, na comparação das produções, que F2 está mais afastado de F1 quando [l] é produzido pelo sujeito B2F3, apontando uma realização com nível inferior de velarização. Percebe-se, assim, que ambos os sujeitos, apesar de pertencerem ao grupo dos bilíngues, produzem de forma distinta o segmento [l] em posição de coda silábica, pois o nível de velarização nas produções de B1F3 são mais elevados do que os dos demais sujeitos do grupo bilíngue.

Todavia, o baixo nível de velarização e a aproximação de uma produção alveolar estão presentes na fala do grupo bilíngue. Isso pode ser comprovado ao serem comparados os dados de B2F3 com os dados do sujeito bilíngue 1 da faixa etária 2, que podem ser observados no Quadro 4. Vê-se, nessa comparação, uma aproximação de seus valores gerados pela diferença F2-F1, o que possibilita caracterizar as produções do sujeito B1F2 também como menos velarizadas.

Realizando uma nova análise dos valores das produções de [l] dos sujeitos B2F3 e M1F3, dispostos no Quadro 5, podem ser percebidos casos de produção variável não detectados de oitiva, nos quais, assim como nas produções variáveis dos dois primeiros

sujeitos apresentados, identificam-se valores diferentes entre a primeira e a segunda produção de um vocábulo. Dentre as produções variáveis, a palavra *sepultura* pode ser utilizada como exemplo. Em sua primeira produção, a diferença F2-F1 para [l] apresentou um valor de 322Hz, caracterizando uma produção mais velarizada. Em sua segunda produção, o valor da diferença é de 1707Hz, o que indica uma produção com um nível muito baixo de velarização, se aproximando de uma produção alveolar.

Por meio dos resultados identificados pela acústica, é possível estabelecer uma relação entre os diferentes níveis de velarização das produções variáveis com os dados que não apresentam variação entre a primeira e a segunda produção da mesma palavra. Essa comparação se torna indispensável para atestar os valores apresentados pelas produções como fatores capazes de classificar as produções de [l] em posição de coda como mais ou menos velarizadas.

Considerações finais

O presente artigo buscou descrever as características da produção de /l/ em coda na fala de uma comunidade bilíngue, caracterizada pela utilização de uma língua de imigração. Conforme pode ser confirmado pelas três etapas de análise, os sujeitos que utilizam a língua de imigração apresentam diferenças em relação à forma padrão do segmento que está sendo investigado.

Destacam-se, ainda, os resultados obtidos pela análise acústica, os quais auxiliaram na identificação de características que ainda não tinham sido detectadas em etapas anteriores de análise, como altos níveis de velarização na fala de um dos sujeitos bilíngues e produções variáveis não apontadas pela oitiva. Assim, esta etapa de análise mostrou-se essencial e esclarecedora para a compreensão de como são produzidos os segmentos investigados.

Outro ponto observado refere-se às faixas etárias mais jovens que, apesar de, muitas vezes, terem um domínio e uso da língua de imigração, não apresentam traços dessa língua em sua fala por conta da estigmatização atribuída a ela. Conforme Schneider (2007), às marcas de uma língua de imigração sempre serão atribuídos traços estigmatizadores, o que impede o seu uso ou manutenção de suas marcas em ambientes externos à comunidade linguística.

Referências

ALTENHOFEN, C.; MARGOTTI, F. W. O português de contato e o contato com as línguas de imigração no Brasil. In: MELLO, H.; ALTENHOFEN, C.; RASO, T. (Orgs.). *Os contatos linguísticos no Brasil*. Belo Horizonte: Editora UFMG, p. 289-311, 2011.

BROD, L. *A lateral nos falares florianopolitano (PB) e portuense (PE): casos de gradiência fônica*. 2014. 200 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Centro de Comunicação e Expressão, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis. 2014.

CRISTÓFARO-SILVA, T. *Fonética e Fonologia do Português*. São Paulo: Editora Contexto, 2001.

NARAYANAN, S., ALWAN, A. & HAKER, K. Toward articulatory-acoustic models for liquids approximants based on MRI and EPG data. Part I. The Laterals. *Journal of the Acoustical Society of America*, 101(2), p.1064-1077, 1997.

RASO, T.; MELLO, H.; ALTENHOFEN, C. Os contatos linguísticos e o Brasil: Dinâmicas pré-históricas, históricas e sociopolíticas. In: MELLO, H.; ALTENHOFEN, C.; RASO, T. (Orgs.). *Os contatos linguísticos no Brasil*. Belo Horizonte: Editora UFMG, p.13-56, 2011.

RECASENS, D. Velarization degree and coarticulatory resistance for /l/ in Catalan and German. *Journal of Phonetics*, v. 23, p. 37-52, 1995.

SCHNEIDER, M. N. *Atitudes e concepções linguísticas e suas relações com as práticas sociais de professores em comunidades bilíngues alemão-português do Rio Grande do Sul*. 2007. 286 f. Tese (doutorado em Linguística Aplicada) – Instituto de Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2007.

TASCA, M. A Variação e Mudança do Segmento Lateral na Coda Silábica. In: BISOL, L. BRESCANCINI, C. (Orgs.) *Fonologia e Variação: recortes do Português Brasileiro*. Porto Alegre: EDIPUCRS, p. 269-297, 2002.

THOMAS, E. *Sociophonetics: an introduction*. Basingstoke: Palgrave Macmillan, 2011.

ZREDER, M. The acquisition of consonant clusters in Polish : a case study. In: VIHMAN, M. M., KEREN-PORTNORY, T. (orgs). *The emergende of phonology: Whole-word Approaches and Cross-linguistic Evidence*. Cambridge, Cambridge University Press, p. 343 – 361, 2013.

WEBER, R.; WENCZENOVICZ, T. Historiografia da imigração polonesa: avaliação em perspectiva dos estudos sobre o Rio Grande do Sul. *História UNISINOS*, vol. 16, p. 159-170, 2012.

Artigo recebido em: 30/07/2017.

Artigo aceito em: 13/12/2017.

Artigo publicado em: 23/12/2017.